



## Estado não tem poder sobre manifestação de idéias da imprensa

A crítica, inspirada pelo interesse público, é direito garantido pela liberdade de imprensa. O entendimento é do ministro **Celso de Mello**, do Supremo Tribunal Federal, que mandou arquivar petição contra Roberto Civita, Marcelo Carneiro e Diogo Mainardi, todos da revista *Veja*.

“A livre expressão e manifestação de idéias, pensamentos e convicções não pode e não deve ser impedida pelo poder Público nem submetida a ilícitas interferências do Estado”, escreveu o ministro ao mandar arquivar a petição do advogado **Celso Marques Araújo**.

O advogado pedia a instauração de procedimento penal contra os jornalistas por textos publicados na revista que criticavam o governo e o presidente Lula. Para isso, alegou que eles cometeram “crime de subversão contra a segurança nacional, (...) colocando em perigo o regime representativo e democrático brasileiro, a federação e o Estado de Direito”, além de crime contra as pessoas dos chefes de poderes.

O ministro Celso de Mello, no entanto, entendeu que não houve crime nenhum, já que os jornalistas apenas estavam fazendo valer o direito à liberdade de imprensa. “O teor da petição (...), longe de evidenciar supostas práticas delituosas contra a segurança nacional, (...) traduz o exercício concreto, por esses profissionais de imprensa, da liberdade de expressão e de crítica.” Segundo ele, a Constituição da República assegura ao jornalista o direito de “expende crítica, ainda que desfavorável e exposta em tom contundente e sarcástico, contra quaisquer pessoas ou autoridades”, desde que seja inspirada pelo interesse público.

O ministro ainda ressaltou que o “Estado não dispõe de poder algum sobre a palavra, sobre as idéias e sobre as convicções manifestadas pelos profissionais dos meios de Comunicação Social”. Assim, mandou arquivar a petição.

Além disso, Celso de Mello lembrou que, nesse caso, não cabe ação no Supremo Tribunal Federal, já que as pessoas envolvidas não estão sujeitas ao foro privilegiado.

### O artigo de Mainardi

O advogado Celso Marques Araújo alegou, em sua petição, que a coluna de Diogo Mainardi, que saiu na edição do dia 3 de agosto de 2005 da revista *Veja*, com o título “Quero derrubar Lula”, caracterizava crime de subversão contra a ordem nacional.

Em seu texto, o nada sutil colunista escreve que o presidente é “o maior obstáculo” para uma ampla reforma política, “a melhor receita para o país”. Ele ainda afirma que é “mais uma empulhação petista” o temor de um possível golpe militar, já que o general Murillo Tavares da Silva teria garantido em 1993, ao ex-ministro da Casa Civil José Dirceu e ao ex-presidente do PT José Genoíno, que não haveria golpe militar se Lula fosse eleito, frase repetida pelo general em artigo publico no site Ternuma no início do mês.



Leia a íntegra da decisão

PETIÇÃO 3.486-4 DISTRITO FEDERAL

RELATOR: MIN. CELSO DE MELLO

REQUERENTE(S): CELSO MARQUES ARAUJO

ADVOGADO(A/S): CELSO MARQUES ARAUJO

REQUERIDO(A/S): ROBERTO CIVITA

REQUERIDO(A/S): MARCELO CARNEIRO

REQUERIDO(A/S): DIOGO MAINARDI

**EMENTA: LIBERDADE DE IMPRENSA (CF, ART. 5º, IV, c/c O ART. 220). JORNALISTAS. DIREITO DE CRÍTICA. PRERROGATIVA CONSTITUCIONAL CUJO SUPORTE LEGITIMADOR REPOUSA NO PLURALISMO POLÍTICO (CF, ART. 1º, V), QUE REPRESENTA UM DOS FUNDAMENTOS INERENTES AO REGIME DEMOCRÁTICO. O EXERCÍCIO DO DIREITO DE CRÍTICA INSPIRADO POR RAZÕES DE INTERESSE PÚBLICO: UMA PRÁTICA INESTIMÁVEL DE LIBERDADE A SER PRESERVADA CONTRA ENSAIOS AUTORITÁRIOS DE REPRESSÃO PENAL. A CRÍTICA JORNALÍSTICA E AS AUTORIDADES PÚBLICAS. A ARENA POLÍTICA: UM ESPAÇO DE DISSENSO POR EXCELÊNCIA. DECISÃO:** O ora requerente **postula** seja instaurado procedimento penal **contra jornalistas** da revista *Veja* (edição de 03/08/2005, págs. 75 e 125), **por vislumbrar** tenham eles praticado, **no exercício** de sua atividade profissional (fls. 06/07), “*crime de subversão* contra a segurança nacional, **que está colocando em perigo** o regime representativo e democrático brasileiro, a Federação e o Estado de Direito e **crime** contra a pessoa dos Chefes dos Poderes da União (...)” (fls. 02 – grifei).

**Observo**, no entanto, que as **pessoas** indicadas na petição de fls. 02/05 **não estão** sujeitas à jurisdição **imediate** do Supremo Tribunal Federal, **razão pela qual nada justifica** a tramitação originária, **perante** esta Suprema Corte, **do procedimento em causa**.

**Cabe assinalar** que a competência originária do Supremo Tribunal Federal, **por revestir-se** de extração eminentemente constitucional, **sujeita-se**, por tal razão, a **regime de direito estrito, o que impede** venha ela a ser estendida a situações **não contempladas no rol exaustivo** inscrito no art. 102, inciso I, da Constituição da República, **consoante adverte** a doutrina (MANOEL GONÇALVES FERREIRA FILHO, “*Comentários à Constituição Brasileira de 1988*”, vol. 2/217, 1992, Saraiva) e **proclama a jurisprudência** desta própria Corte (RTJ 43/129 – RTJ 44/563 – RTJ 50/72 – RTJ 53/776 – RTJ 159/28):

**“(...) A COMPETÊNCIA DO SUPREMO TRIBUNAL FEDERAL – CUJOS FUNDAMENTOS REPOUSAM NA CONSTITUIÇÃO DA REPÚBLICA – SUBMETE-SE A REGIME DE DIREITO ESTRITO– A competência originária do Supremo Tribunal Federal, por qualificar-se como um**



*complexo de atribuições jurisdicionais de extração essencialmente constitucional – e ante o regime de direito estrito a que se acha submetida – não comporta a possibilidade de ser estendida a situações que extravasem os limites fixados, em ‘*numerus clausus*’, pelo rol exaustivo inscrito no art. 102, I, da Constituição da República. Precedentes. (...).”*

(RTJ 171/101-102, Rel. Min. CELSO DE MELLO, Pleno)

A “*ratio*” subjacente a esse entendimento, **que acentua o caráter absolutamente estrito** da competência constitucional do Supremo Tribunal Federal, **vincula-se à necessidade de inibir indevidas ampliações descaracterizadoras** da esfera de atribuições institucionais desta Suprema Corte, **conforme ressaltou, a propósito do tema em questão**, em voto vencedor, o saudoso Ministro ADALÍCIO NOGUEIRA (RTJ 39/56-59, 57).

Desse modo, os **fundamentos** ora expostos **levam-me a reconhecer** a impossibilidade de tramitação originária **deste** procedimento perante o Supremo Tribunal Federal.

2. **Não obstante as considerações** que venho de fazer **no sentido** da plena incognoscibilidade do pleito ora formulado, **impõe-se observar** que o teor da petição em referência, **longe de evidenciar** supostas práticas delituosas **contra** a segurança nacional, **alegadamente** cometidas pelos jornalistas mencionados, **traduz**, na realidade, **o exercício concreto**, por esses profissionais da imprensa, **da liberdade de expressão e de crítica**, cujo fundamento **reside** no próprio texto da Constituição da República, **que assegura**, ao jornalista, **o direito de expender crítica**, **ainda** que desfavorável e **exposta** em tom contundente e sarcástico, **contra** quaisquer pessoas **ou** autoridades.

**Ninguém ignora** que, **no contexto** de uma sociedade fundada em bases democráticas, **mostra-se intolerável** a repressão penal ao pensamento, **ainda mais** quando a crítica – **por mais dura** que seja – **revele-se inspirada** pelo interesse público e **decorra da prática legítima**, como sucede na espécie, **de uma liberdade pública** de extração **eminente** constitucional (CF, art. 5º, IV, c/c o art. 220).

**Não se pode ignorar** que a liberdade de imprensa, **enquanto** projeção da liberdade de manifestação de pensamento e de comunicação, **reveste-se** de conteúdo abrangente, **por compreender**, dentre **outras prerrogativas** relevantes que lhe são inerentes, **(a)** o direito **de** informar, **(b)** o direito **de** buscar a informação, **(c)** o direito **de** opinar e **(d)** o direito **de** criticar.

A **crítica jornalística**, desse modo, **traduz** direito **impregnado** de qualificação constitucional, **plenamente oponível** aos que exercem **qualquer** parcela de autoridade no âmbito do Estado, **pois** o interesse social, **fundado na necessidade** de preservação dos limites ético-jurídicos **que devem pautar** a prática da função pública, **sobrepõe-se** a eventuais suscetibilidades que possam revelar os detentores do poder.

Uma vez dela **ausente** o “*animus injuriandi vel diffamandi*”, **tal como ressalta** o magistério doutrinário (CLÁUDIO LUIZ BUENO DE GODOY, “**A Liberdade de Imprensa e os Direitos da Personalidade**”, p. 100/101, item n. 4.2.4, 2001, Atlas; VIDAL SERRANO NUNES JÚNIOR, “**A Proteção Constitucional da Informação e o Direito à Crítica Jornalística**”, p. 88/89, 1997, Editora FTD; RENÉ ARIEL DOTTI, “**Proteção da Vida Privada e Liberdade de Informação**”, p. 207/210, item n.



33, 1980, RT, v.g.), **a crítica** que os meios de comunicação social **dirigem** às pessoas públicas, **especialmente** às autoridades e aos agentes do Estado, **por mais acerba**, dura e veemente que possa ser, **deixa de sofrer**, quanto ao seu concreto exercício, as limitações externas **que ordinariamente resultam** dos direitos da personalidade.

**Lapidar**, sob tal aspecto, a **decisão** emanada do E. Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, **consubstanciada** em acórdão assim ementado:

*“Os políticos estão sujeitos de forma especial às críticas públicas, e é fundamental que se garanta não só ao povo em geral **larga margem de fiscalização e censura** de suas atividades, **mas sobretudo à imprensa**, ante a **relevante utilidade** pública da mesma.”*

(JTJ 169/86, Rel. Des. MARCO CESAR – grifei)

**Vê-se**, pois, **que a crítica jornalística**, quando **inspirada** pelo interesse público, **não importando** a acrimônia e a contundência da opinião manifestada, **ainda mais** quando dirigida a figuras públicas, com alto grau de responsabilidade na condução dos negócios de Estado, **não traduz nem** se reduz, em sua expressão concreta, à dimensão de abuso da liberdade de imprensa, **não se revelando suscetível**, por isso mesmo, **em situações de caráter ordinário**, à possibilidade de sofrer **qualquer** repressão estatal **ou** de se expor a **qualquer** reação hostil do ordenamento positivo.

**É certo** que o direito de crítica **não assume** caráter absoluto, **eis que inexistem**, em nosso sistema constitucional, **como reiteradamente proclamado** por esta Suprema Corte (RTJ 173/805-810, **807-808**, v.g.), direitos e garantias revestidos de natureza absoluta.

**Não é menos exato afirmar-se**, no entanto, que o direito de crítica **encontra** suporte legitimador **no pluralismo político**, que representa **um dos fundamentos** em que se apóia, **constitucionalmente**, o próprio Estado Democrático de Direito (CF, art. 1º, V).

Na realidade, **e como assinalado** por VIDAL SERRANO NUNES JÚNIOR (“A Proteção Constitucional da Informação e o Direito à Crítica Jornalística”, p. 87/88, 1997, Editora FTD), **o reconhecimento da legitimidade** do direito de crítica, **tal como sucede** no ordenamento jurídico brasileiro, **qualifica-se** como “*pressuposto do sistema democrático*”, **constituindo-se**, por efeito de sua natureza mesma, em verdadeira “*garantia institucional da opinião pública*”:

*“(…) o direito de crítica em nenhuma circunstância é ilimitável, porém adquire um caráter preferencial, desde que a crítica veiculada se refira a assunto de interesse geral, ou que tenha relevância pública, e guarde pertinência com o objeto da notícia, pois tais aspectos é que fazem a importância da crítica na formação da opinião pública.”* (grifei)

**Não foi por outra razão** que o Tribunal Constitucional espanhol, **ao proferir** as Sentenças nº 6/1981 (Rel. Juiz FRANCISCO RUBIO LLORENTE), nº 12/1982 (Rel. Juiz LUIS DíEZ-PICAZO), nº 104/1986 (Rel. Juiz FRANCISCO TOMÁS Y VALIENTE) e nº 171/1990 (Rel. Juiz BRAVO-



FERRER), **pôs em destaque a necessidade essencial de preservar-se** a prática da liberdade de informação, **inclusive o direito de crítica** que dela emana, **como um dos suportes axiológicos** que informam e que conferem legitimação material à própria concepção do regime democrático.

**É relevante observar**, aqui, **que o Tribunal Europeu de Direitos Humanos (TEDH)**, em mais de uma ocasião, **também advertiu** que a limitação do direito à informação e do direito (dever) de informar, mediante **(inadmissível)** redução de sua prática *“ao relato puro, objetivo e asséptico de fatos, não se mostra constitucionalmente aceitável nem compatível com o pluralismo, a tolerância (...), sem os quais não há sociedade democrática (...)”* (**Caso Handyside**, Sentença do TEDH, de 07/12/1976).

Essa **mesma** Corte Européia de Direitos Humanos, **quando** do julgamento **do Caso Lingens** (Sentença de 08/07/1986), **após assinalar** que *“a divergência subjetiva de opiniões compõe a estrutura mesma do aspecto institucional do direito à informação”*, **acentua** que *“a imprensa tem a incumbência, por ser essa a sua missão, de publicar informações e idéias sobre as questões que se discutem no terreno político e em outros setores de interesse público (...)”*, **vindo a concluir**, em tal decisão, **não ser aceitável** a visão daqueles **que pretendem negar**, à imprensa, **o direito de interpretar** as informações e **de expender as críticas** pertinentes.

**Não custa insistir**, neste ponto, **na asserção** de que a Constituição da República **revelou hostilidade** extrema a quaisquer práticas estatais **tendentes** a restringir **ou** a reprimir o **legítimo** exercício da liberdade de expressão e de comunicação de idéias e de pensamento.

Essa **repulsa constitucional** bem traduziu **o compromisso** da Assembléia Nacional Constituinte **de dar expansão** às liberdades do pensamento. Estas são **expressivas** prerrogativas constitucionais **cujo integral e efetivo** respeito, pelo Estado, **qualifica-se** como pressuposto essencial e necessário à **prática** do regime democrático. A **livre** expressão e manifestação de idéias, pensamentos e convicções **não pode e não deve ser impedida** pelo Poder Público **nem submetida** a ilícitas interferências do Estado.

**É preciso advertir**, bem por isso, **notadamente** quando se busca promover, como no caso, a repressão penal à crítica jornalística, **que o Estado não dispõe** de poder algum **sobre a palavra, sobre as idéias e sobre as convicções** manifestadas pelos profissionais dos meios de comunicação social.

Essa **garantia básica** da liberdade de expressão do pensamento, como **precedentemente** assinalado, **representa**, em seu próprio e essencial significado, **um dos fundamentos** em que repousa a ordem democrática. **Nenhuma** autoridade **pode** prescrever **o que será ortodoxo** em política, **ou** em outras questões que envolvam temas de natureza filosófica, ideológica ou confessional, **nem** estabelecer padrões de conduta cuja observância implique restrição aos meios de divulgação do pensamento. **Isso**, porque *“o direito de pensar, falar e escrever livremente, sem censura, sem restrições ou sem interferência governamental”* **representa**, conforme **adverte** HUGO LAFAYETTE BLACK, **que integrou** a Suprema Corte dos Estados Unidos da América, *“o mais precioso privilégio dos cidadãos...”* (**“Crença na Constituição”**, p. 63, 1970, Forense).



**Vale registrar**, finalmente, **por relevante**, fragmento expressivo da obra do ilustre magistrado federal SÉRGIO FERNANDO MORO (“**Jurisdição Constitucional como Democracia**”, p. 48, item n. 1.1.5.5, 2004, RT), **no qual põe em destaque** um “*landmark ruling*” da Suprema Corte norte-americana, **proferida** no caso “*New York Times v. Sullivan*” (1964), **a propósito** do tratamento que esse Alto Tribunal **dispensa** à garantia constitucional da liberdade de expressão:

“A Corte **entendeu** que a liberdade de expressão **em assuntos públicos** deveria de todo modo ser **preservada**. Estabeleceu que **a conduta do jornal estava protegida** pela liberdade de expressão, **salvo se provado** que a matéria falsa tinha sido publicada **maliciosamente ou com desconsideração negligente em relação à verdade**. **Diz o voto condutor** do Juiz William Brennan:

‘(...)o debate de assuntos públicos deve ser sem inibições, robusto, amplo, e **pode incluir ataques veementes, cáusticos e**, algumas vezes, **desagradáveis** ao governo e às autoridades governamentais.’” (grifei)

**Concluo** a minha decisão: as **razões** que venho de expor **levam-me** a reconhecer que a pretensão deduzida pela parte requerente **não se mostra compatível** com o modelo consagrado pela Constituição da República, **considerando-se**, para esse efeito, as opiniões jornalísticas ora questionadas (**Veja**, edição de 03/08/2005), **cujo conteúdo traduz** – como precedentemente assinalei – **legítima expressão** de uma liberdade pública **fundada** no direito **constitucional** de crítica.

Sendo assim, **presentes** tais razões, e **tendo em vista** que este procedimento **foi impropriamente instaurado** perante o Supremo Tribunal Federal, **não conheço** da medida proposta pelo Advogado ora requerente.

**Arquive-se** os presentes autos (RISTF, art. 21, § 1º), **incidindo**, na espécie, **para tal fim**, a orientação jurisprudencial **firmada** por esta Suprema Corte (Pet 2.653-AgR/AP, Rel. Min. CELSO DE MELLO – MS 24.261/DF, Rel. Min. CELSO DE MELLO – AO 175-AgR-ED/RN, Rel. Min. OCTAVIO GALLOTTI, v.g.).

Publique-se.

Brasília, 22 de agosto de 2005.

Ministro CELSO DE MELLO

Relator

**Date Created**

22/08/2005